



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

SÃO PAULO, SP, 13 DE JULHO DE 2001

Senhor Governador de São Paulo; Senhor Presidente da Voith Siemens; Ministros; e todos os demais que já foram aqui referidos pelos que me antecederam. Mas, sobretudo, este conjunto de pessoas que se dedica, que se devota, que trabalha aqui nesta fábrica,

Quero dizer que as palavras do Governador Geraldo Alckmin, assim como as do Doutor Edgar, demonstram o que está sendo feito neste país.

Antes de vir para cá, passei em Sorocaba, na fábrica da Bardella. Tive uma impressão muito positiva desse enorme esforço. Aqui, alguém me disse e vou repetir: “Isso aqui é a Embraer da hidreletricidade.” Nós vamos na frente, vamos enfrentar, vamos vender e temos competência mundial.

Nós temos que mostrar a nós próprios, brasileiros, a nossa capacidade. Chega de pensar que o Brasil não vai dar certo. Já deu certo. E vai dar mais certo, porque nós enfrentamos dificuldades e saímos delas cada vez mais fortes. Aqui é a prova disso. Antecipação na entrega de enormes turbinas, geradores, uma usinagem moderna, computadores ajudando para desperdiçar menos, o trabalhador atento,

trabalhando com energia, o empresário animado. É assim que se vencem as dificuldades. Diante da dificuldade, não adianta cruzar os braços. Tem é que traçar o rumo e seguir em frente.

Essa crise de energia elétrica deu uma demonstração clara da força do nosso povo. O Governador mencionou e eu quero reiterar o que foi feito pelo povo brasileiro.

Eu disse há pouco lá na Bardella que o Ministro José Jorge me comunicou hoje que, em Brasília, 8 mil pessoas que têm consumo de energia abaixo de 100 watts não pagaram a conta. Tiveram a conta paga pelo Governo. Por quê? Porque elas fizeram mais esforço do que lhes foi pedido. E como consumiram abaixo de 100 watts, zeraram a conta. Isso é muito importante, porque elas não eram obrigadas a fazer. São pequenos consumidores. Fizeram isso espontaneamente.

Isso é um exemplo de como o povo brasileiro reage diante de uma dificuldade. O governador mencionou aqui que 23% de economia de energia foi feita em São Paulo. Isso é muita coisa. No começo, havia dúvidas. Tentaram até falar de "apagão". Eu disse logo: "Não, 'apagão' não. Vamos ver primeiro o que se faz sem isso. Vamos tentar ver se se motiva a população, se a população entende do que se trata." E do que se trata é de que nós temos, realmente, uma enorme seca, uma falta de chuva muito grande. E quem percorreu comigo – e alguns aqui percorreram – logo na entrada, no *hall*, pode ver quantas obras esta empresa está fazendo no Brasil e vem fazendo há muito tempo.

Quando assumi o Governo, em 95, havia 23 usinas paradas. Dessas, 16 estão gerando energia. É só olhar o gráfico. Houve um momento de dificuldade econômica no Brasil que paralisou o investimento. Então, entre 90 e 95, estávamos produzindo, acrescentando ao nosso potencial energético, mais ou menos entre 1.000 e 1.500 megawatts por ano. De 95 a 2000, passamos a entregar quase 3 mil megawatts por ano. Quando se olhar o que está sendo feito, como esse rotor que vai lá para Canabrava, vamos ver porque será possível, nos próximos três anos, acrescentar mais 15 mil megawatts. Nós estamos numa ascendente. É óbvio.

Seria muito melhor que não tivesse havido o esgotamento dos reservatórios de água, que tivesse tido um gerenciamento mais adequado. Mas é reconfortante saber que estamos enfrentando essa questão momentânea e resolvendo o problema para o futuro. Quem governa pensando no dia-a-dia faz demagogia. Tem que se governar pensando nos 20 anos futuros, pensando nas crianças, pensando no emprego, pensando no investimento, pensando no crescimento da economia de uma maneira sustentada. Isso pode ser feito no Brasil, porque, aqui, há gente qualificada.

Esta empresa é o número um mundial em tecnologia de ponta para usinas hidrelétricas. É daqui que saem, como vocês sabem, os geradores, as turbinas que vão lá para Três Gargantas, na China. É daqui que sai o que vai para o Paquistão. É aqui que se refazem as turbinas dos Estados Unidos. É para cá que a Alemanha manda, quando é necessário, os pedidos de alta tecnologia.

Então, é por isso que o Brasil pode enfrentar os desafios, porque tem gente competente. Tem técnicos, tem engenheiros, tem empresários, tem trabalhador e tem gente que está no escritório. O mundo moderno é assim. Se não houver essa integração de trabalho, as coisas não acontecem. Não é o mundo de grandes estrelas, não é o mundo de gênios, é o mundo de trabalho organizado, em conjunto, persistente e com um roteiro definido. É isso que faz o crescimento das nações.

Nós temos, no Brasil, plantado já o potencial para o país continuar crescendo. Falta muito para que nós possamos, realmente, ser um país onde todos possam ter, pelo menos, um bem-estar razoável. Sei que falta muito, mas não adianta chorar pelo que falta. Temos que construir para que não falte no futuro. É o que nós estamos fazendo. Estamos fazendo, vendo esse povo solidário com o País também fazendo. Trabalhando hora-extra para entregar mais depressa, entregando mais depressa as máquinas para superar as dificuldades.

Isso é que demonstra essa imensa força do nosso país. E este país tem seus interesses próprios, mas sabe que a melhor maneira de defender seus próprios interesses é absorver a tecnologia e a experiência de outros países. É por isso que a Voith Siemens está aqui há muitos e

muitos anos, há décadas. É uma empresa que se enraizou aqui e que não vai competir com a Bardella, vai se conjugar a ela. Digo Bardella porque estive, de manhã, lá. Mas certamente tem que se conjugar com muitas outras empresas nacionais. E é preciso que haja empresas nacionais também, de capital de brasileiros, que estejam colaborando neste processo, de tal maneira que haja uma espécie de emulação recíproca.

Mas esta aqui é uma casa de saber, além de ser uma casa de trabalho. Se não fosse uma casa de saber, se ela não botasse, não agregasse conhecimento, se não agregasse valor no que produz não estaria à frente como está.

Foi com muita satisfação que pude ver, diretamente, essas imensas máquinas que estão sendo preparadas para o Brasil e para o mundo e sentir que existe emoção. Quando o Presidente da Voith disse que ele está nervoso porque o Presidente da República está aqui, é emoção. Não é pela minha presença, é o que eu posso simbolizar da presença do Brasil visitando uma empresa como a Voith. Tive a satisfação de trocar algumas poucas palavras com alguns dos companheiros que estão trabalhando aqui, ou de apertar-lhes a mão, e me sinto robustecido, fortalecido, porque sei que existe energia no povo brasileiro.

Quem tem que agradecer sou eu. Quem veio aqui para agradecer fui eu. Para agradecer o que vocês estão fazendo pelo nosso país e também para deixar uma palavra muito firme de confiança. Suas palavras foram verdadeiras. Temos que começar a olhar com mais orgulho para nós próprios, para o que nós estamos fazendo no Brasil. Nós não podemos levar a vida inteira pensando, pensando que o Brasil não dá certo, que é tudo negativo, que é tudo ruim, porque não é. Há coisas ruins, mas também há coisas boas. Vamos valorizar as boas para que elas possam superar as que não são boas e para que nós possamos, realmente, continuar neste caminho de progresso e de transformação.

E mais: apraz-me dizer que é uma emoção muito grande ser presidente de um país tão contraditório, tão cheio de dificuldades, com tantas divergências. E, não obstante, onde há um clima de liberdade,

onde há um clima de democracia, onde há um clima no qual o Presidente da República, quando chega a um local – a não ser algum grupo organizado que esteja ali para fazer uma coisa para sair na imprensa –, o que encontra é diálogo. E não precisa ter guarda-costas para chegar junto do povo. Não precisa ter medo. Ninguém pode se sentir bem quando se sente com medo.

O Brasil é um país em que as pessoas não podem ter medo. Por isso me horrorizaram as cenas que vi na televisão ontem, na Bahia, do povo com medo daqueles que são pagos por nós para defender o povo. Isso não pode. Temos que ser um país em que as coisas avançam na democracia, com conhecimento, com trabalho, com liberdade, mas com respeito.

O mesmo respeito que quero deixar manifesto aqui, publicamente, pelo que vocês estão fazendo nesta empresa. Respeito quem trabalha, respeito quem gosta de fazer algo pelo próximo, respeito quem segue aquela máxima do Presidente Kennedy: ao invés de perguntar o que o Brasil vai fazer por cada um de nós, é melhor perguntar o que cada um de nós podemos fazer pelo Brasil. Vocês estão fazendo muito!

Muito obrigado.